

# A educação no contemporâneo frente às emoções e aos sentimentos

*Education in the contemporary era in relation to emotions and feelings*

DOI:10.18226/21784612.v28.e023033

Sandra Elisa Réquia Souza<sup>1</sup>  
Amarildo Luiz Trevisan<sup>2</sup>

**Resumo:** Este estudo busca investigar o movimento constitutivo das articulações entre razão e emoção e a sua influência na Educação contemporânea. Para tanto, busca situar novas contribuições a partir das pesquisas de Antonio Damásio, para quem as emoções e os sentimentos são considerados indispensáveis para a vida racional, diferenciando-nos uns dos outros, tornando-nos únicos e capacitando-nos a um repertório de respostas emocionais criadas a partir da interação entre o corpo e a mente. Também são utilizadas as reflexões do filósofo seicentista Baruch Espinosa, cuja contribuição para este estudo reside nos seus conceitos de afeto, liberdade e servidão. Assim, propõe-se uma movimentação no sentido de contextualizar o entendimento dos conceitos de emoção e sentimentos, culminando no desvelamento das suas reais influências no agir humano e na transcendência da visão construída a partir do paradigma epistemológico moderno. Para tanto, pontuam-se as perspectivas filosóficas entre a razão e a emoção que foram sendo produzidas ao longo do tempo e, no segundo momento, procura-se compreender as articulações entre emoções, sentimentos e consciência. Esses apontamentos resultarão nos elementos em favor da dignidade, da reverência pela vida e da liberdade de pensamento como valores a serem assegurados e defendidos na Educação. E, dessa forma, provocam os seus atores a rediscutir o papel das emoções e sentimentos, reavaliando a pauta das suas ações.

**Palavras-chave:** Emoções. Sentimentos. Educação. Consciência. Liberdade.

<sup>1</sup> Doutora em Educação e participante do Grupo de Pesquisa Formação Cultural, Hermeneutica e Educação da Universidade Federal de Santa Maria.

<sup>2</sup> Doutor em Educação: Filosofia da Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Pós-Doutor em Humanidades pela Universidade Carlos III, de Madri-Espanha. Professor Titular de Filosofia da Educação pela Universidade Federal de Santa Maria – UFSM/RS/Brasil e pesquisador PQ-1C do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico.

**Abstract** This study seeks to investigate the constitutive movement of the articulations between reason and emotion and its influence on contemporary education. Therefore, it seeks to situate new contributions from the research of Antonio Damásio for whom emotions and feelings are considered indispensable for rational life, differentiating us from each other, making us unique and enabling us to a repertoire of emotional responses created from the interaction between body and mind. The reflections of the 17th century philosopher Baruch Espinosa are also used, whose contribution to this study lies in his concepts of affection, freedom and servitude. Thus, a move is proposed in order to contextualize the understanding of the concepts of emotion and feelings, culminating in the unveiling of their real influences on human action and in the transcendence of the vision built from the modern epistemological paradigm. In order to do so, the philosophical perspectives between reason and emotion that have been produced over time are punctuated and, in the second moment, we seek to understand the articulations between emotions, feelings and consciousness. These notes will result in elements in favor of dignity, reverence for life and freedom of thought as values to be ensured and defended in education. And, in this way, they provoke their actors to re-discuss the role of emotions and feelings, reassessing the agenda of their actions.

**Keywords:** Emotions. Feelings. Education. Conscience. Freedom.

## Introdução

Com o objetivo de contribuir com a proposta do dossiê *Pedagogia Radical e Inclusiva*, cujos temas caracterizam-se por serem universais e perenes, bem como fundamentais para uma Educação baseada na consciência humana (Gascón, 2018), investiga-se, neste artigo, o movimento constitutivo das articulações entre razão e emoção e a sua influência na Educação contemporânea. Para tanto, ao seguir as pesquisas de Antônio Damásio (1996, 2017) e os conceitos de Baruch Espinosa (2002, 2012), busca-se situar novas contribuições à Filosofia da Educação, especialmente aos saberes da docência.

As emoções e os sentimentos, apesar de serem indispensáveis para a vida racional, diferenciando-nos uns dos outros, tornando-nos únicos e capacitando-nos a um repertório de respostas emocionais criadas a partir da interação entre o corpo e a mente, das percepções do mundo externo e do nosso próprio organismo; nem sempre foram entendidos dessa forma. Pelo contrário, foram

tratados, desde tempos imemoriais, como inoportunas, cedendo lugar para o império da razão.

Essa forma de perceber a natureza humana foi reforçada no projeto da modernidade, especialmente com alguns racionalistas como René Descartes (1596-1650). A principal patologia desse ideal foi a de potencializar a dissociação do ser humano da natureza, incrementando contrariedades em princípios que, na verdade, são conectados entre si, como mente e corpo, razão e emoção, sujeito e objeto, entre outros.

Essa discussão renasce no contemporâneo com o aporte nas descobertas da neurociência, cujas investigações auxiliam a compreender melhor o ser humano e a romper com o dualismo mente e corpo, razão e emoção. É dessa forma que a discussão se alia às investigações do neurocientista Antonio Damásio, cujas intuições apontam para a centralidade das emoções na vida racional. Para o neurocientista, as emoções tornam os seres humanos únicos e os capacitam a um repertório de leitura dos sentimentos envolvidos na ação, criados a partir da interação corpo e mente. Ele propõe que as emoções de dor, sofrimento ou prazer antecipado foram as forças motivadoras da cultura, os mecanismos que impulsionaram o intelecto humano e monitorizaram o sucesso ou o fracasso das invenções culturais.

Outra contribuição importante para este estudo foi o pensamento de Baruch Espinosa e os seus conceitos de afeto, liberdade e servidão. Para o filósofo, o corpo pode afetar e ser afetado pelo mundo, e dessas relações sofremos alterações de potência, ou seja, aumenta ou diminui a capacidade de agir no mundo. A ética espinosiana busca transformar os afetos passivos em ativos e, dessa forma, sair da servidão para a liberdade.

A partir desses pressupostos, propõe-se uma movimentação no sentido de contextualizar o entendimento dos conceitos de emoção e sentimentos na intenção de desenrolar o emaranhado de tentativas sabotadoras das suas reais influências no agir humano e de sobrepular a visão construída a partir do paradigma epistemológico moderno. Para tanto, pontuam-se, inicialmente, as perspectivas filosóficas entre a razão e a emoção que foram sendo produzidas ao longo do tempo e, no segundo momento, procura-

se compreender as articulações entre emoções, sentimentos e consciência.

As reflexões propostas culminarão na colocação de elementos que auxiliarão a defender a dignidade, a reverência pela vida e a liberdade de pensamento como valores a serem assegurados e defendidos na Educação. Dessa forma, provocam os seus atores a rediscutir o papel das emoções e dos sentimentos, reavaliando a pauta das suas ações.

### **Razão e emoção: perspectivas filosóficas**

A principal patologia do ideal moderno de ser humano e mundo foi a de potencializar a dissociação do ser humano da natureza, incrementando contrariedades em princípios que, na verdade, são conectados entre si como mente e corpo, razão e emoção, sujeito e objeto, entre outros. A atribuição dos dualismos teria sido iniciada pela filosofia platônica no momento em que tentou separar o mundo das essências (Parmênides) e das aparências (Heráclito), ocasionando as dissociações expressas na imagem da caverna platônica. Essa filosofia afastou o mundo sensível e o inteligível, corpo e alma, duplicando, assim, a cultura em separações irreconciliáveis. Esses desacertos foram ocasionados pela matriz geradora da visão racionalista do ser humano e da mecanização da natureza, culminando num reducionismo antropológico e em práticas predatórias no meio ambiente.

As reflexões acerca das emoções têm figurado na investigação filosófica de várias formas, sendo a mais recorrente o entendimento de que elas têm sido descritas em sua relação com a razão ou mesmo com a própria racionalidade. Ou seja, as investigações filosóficas têm sido feitas principalmente em virtude de sua influência em nossa habilidade de raciocínio e de ser racional. Há diferenças entre os pensadores ao longo dos séculos, indicando diferentes perspectivas filosóficas, pois na sua maioria apontam a paixão como o outro da razão, inclusive os filósofos que descrevem as paixões como algo que faz parte da natureza humana.

Os estóicos consideravam que a filosofia era um exercício de deliberação racional e deveria transcender os efeitos prejudiciais das emoções. Ou seja, ela combate violentamente as paixões e defende a ética como a submissão total do indivíduo à razão.

Para eles era impossível viver uma paixão sem ser completamente dominado por ela.

Os filósofos modernos retomam, de alguma forma, a posição estoíca sobre a paixão. Tanto que a questão das emoções foi tratada no terreno da fisiologia a favor das teorias mecanicistas. Para Descartes, as emoções eram vistas como uma parte distintivamente inferior de nossa psique. Ele defendia a separação entre o corpo e o pensamento e atribuiu primazia à razão pura, como único fundamento confiável para as decisões humanas. Essa ideia direcionou e fundamentou o pensamento filosófico ocidental desde então, influenciando as ciências, as artes, a literatura, entre outras.

Espinosa tratou as paixões como afetos e como elementos de nossa alma que, por isso, não podem ser destruídos, inteiramente controlados ou subjugados. É racionalista, como Descartes, porém com a diferença de que nega a possibilidade de reprimir as emoções por meio da razão. Ou seja, paixão só pode ser combatida por outra paixão mais forte, isso significa que a alma deve ser tratada na diferença entre atividade/liberdade e passividade/servidão. Um afeto pode nos tornar ativos ou passivos, dependendo da vontade e do esforço. A paixão forte, para ele, é aquela que aumenta a capacidade de existir do corpo e da alma.

Leibniz dialogou com as filosofias de Descartes e de Espinosa e, assim, considerava as emoções como “percepções confusas”. Para ele, elas eram descritas como naturais, involuntárias e não racionais, e definem profundamente os indivíduos na sua perspectiva. Elas eram vistas por ele como percepções apercebidas e insensíveis. Sentimos a força das paixões e elas nos inclinam em nossas supostas escolhas.

Já David Hume, no século XVIII, propôs que as paixões ou os sentimentos morais são capazes de motivar em direção às ações e ao comportamento moral. Também são impulsionadores das ações. Dessa forma, ele procurou resgatar o valor ético das emoções. Como Hume, alguns filósofos defendiam que a razão deve se curvar às paixões, isto é, defendiam as paixões contra as reivindicações exageradas da racionalidade.

Na proposta de Kant, a razão é a governante da nossa vontade. Ele atribuiu um poder de decisão à racionalidade em face dos sentimentos, e essa razão confunde-se ao fim com a própria vontade. Dessa forma, as máximas da razão têm poder de legislar sobre os sentimentos. Para ele, se é racional porque se consegue submeter a própria volição à faculdade racional.

Essa visão moderna sobre a separação entre emoção e razão passou a ser questionada especialmente a partir da década de 1990, quando os estudos sobre o cérebro humano tiveram um impulso devido à possibilidade de investigá-lo em seres humanos vivos, por meio da tecnologia. Dessa forma, muitas teorias influenciadas, principalmente, pela teoria aristotélica de que as emoções não são distintas da razão, mas vistas como parte da vida racional, passam a defender que as emoções necessariamente possuem um elemento cognitivo em sua composição. Desde então, o debate sobre a natureza cognitiva das emoções se ampliou.

Nesse contexto, as emoções têm sido tratadas como um fenômeno complexo e em diversos níveis: biológico, fisiológico, psicológico e filosófico. Assim sendo, várias são as áreas do conhecimento que investigam a relação entre razão e emoção, com especial ênfase para a filosofia de Baruch Espinosa e Antonio Damásio.

### **Compreensão das articulações entre emoções, sentimentos e consciência**

Para compreender as articulações entre emoções, sentimentos e consciência como elementos constitutivos do humano, adota-se o olhar da filosofia, no esforço das pesquisas neurocientíficas de Antonio Damásio, cujas investigações apresentam as conexões e articulações entre emoções, sentimentos e consciência. Elas acenam para uma possível estrutura do sentimento e da consciência, responsável pelos vínculos entre mente, mundo exterior e processo fundamental da vida. O que culmina nos fatores associados à criação de pensamentos, narrativas e significados, recordação do passado e imaginação do futuro, os quais, segundo o neurocientista, são responsáveis pela criação de aparatos culturais e de relevante papel na humanização do processo cultural.

Damáσιο analisa as circunstâncias biológicas do processo humano e social bem como as suas articulações e fatores, sem a pretensão de fazer novos reducionismos e indicar uma biologização dos processos e problemas culturais, mas, sim, assinalar que foi por meio da dor e do prazer que se inventaram as respostas para diversas questões culturais, tanto as morais e físicas como os princípios de justiça e as manifestações artísticas e religiosas. Ele aponta que nos fenômenos culturais há uma eterna negociação entre afeto e razão. Defende que a seleção cultural depende não só da biologia, mas de uma multiplicidade de olhares fornecidos pelas diversas áreas do conhecimento humano. Portanto, em sua opinião, a riqueza e a originalidade dos aspectos culturais não se reduzem à biologia, mas indicam que aprofundar a ligação entre culturas e processo da vida reforça o projeto humanista que o fortalece e frutifica. Em resumo, Damásio (2017) compreende que os “sustentáculos biológicos” dos afetos e a consequente articulação entre razão e sentimentos e entre corpo e alma poderão ajudar a lidar com o problema de uma cultura construída de forma fragmentada na sua variedade de medidas como habilitações, comportamentos, aspirações espirituais, liberdade de expressão, acesso à justiça, economia, saúde e sustentabilidade ambiental. Essa compreensão auxiliará também a superar a forma reducionista e individualista de agir e de resolver os problemas característicos da filosofia cartesiana.

As lentes utilizadas sobre o problema da dissociação entre razão e emoção também são constituídas pela teoria das afecções de Baruch Espinosa, como não poderia deixar de ser, pois Baruch Espinosa foi um dos grandes inspiradores das reflexões de Antonio Damásio. O filósofo seiscentista construiu a sua filosofia sobre os afetos, a liberdade e o pensamento com valorosas predições da neurociência dos séculos XX e XXI, e com “surpreendentes antevisões” (Damásio, 2004) sobre as relações entre corpo e alma. Segundo Damásio (2004, p. 4):

Espinosa é profundamente relevante para qualquer discussão sobre a emoção e sentimentos humanos. Espinosa considerava as pulsões (*drives*) e motivações, emoções e sentimentos [...] como afetos, um aspecto central da humanidade. A alegria e a tristeza foram dois conceitos fundamentais na sua tentativa de

compreender os seres humanos e sugerir maneiras de a vida ser mais bem vivida.

A natureza das emoções e dos sentimentos e a sua relação com a razão preocuparam muitos pensadores ao longo da nossa história, porém Espinosa, na opinião de Damásio, vislumbrou soluções para esses impasses que somente agora, nos séculos XX e XXI, estão sendo fornecidos pela ciência. Para o neurocientista, o filósofo separou com grande clareza o sentir do processo de ter uma ideia sobre um objeto que pode causar uma emoção. Isso significa que a emoção se configura como certo estado do corpo que é afetado por outro corpo e o sentimento é a ideia desse estado. Assim, o pensamento de Espinosa oferece subsídios para entender a neurobiologia dos sentimentos proposta por Damásio.

O filósofo seiscentista se contrapôs à ideia constituída a partir de René Descartes (1596-1650), para quem as afecções humanas podiam ser explicadas pelas suas primeiras causas e a alma teria sobre as paixões um império absoluto. Para Descartes, a razão, especialmente em seu método, seria a única forma de compreender todos os objetos, seguindo sempre o mesmo critério e, dessa forma, chegando a uma verdade única. A partir das indagações sobre a origem do conhecimento e o critério de verdade, o pai do racionalismo moderno colocou em dúvida todos os conhecimentos obtidos por meio da tradição ou dos sentidos, criou um método para atingir conhecimento verdadeiro sobre as coisas e chegou à conclusão de que os sentimentos nos enganam e nenhuma verdade pode ser aceita sem o uso da razão.

Essa reviravolta proporcionada pela visão cartesiana, ao mesmo tempo em que fez uma crítica à tradição cultural e elaborou um método para chegar a um conhecimento seguro, resultou em alguns equívocos que passaram a permear a ciência a partir de então. Seu esforço resultou em dualismos, na dessacralização da natureza; na visão mecanicista do mundo; no procedimento analítico como único admissível para se chegar à verdade. Nesse sentido, houve a fragmentação do objeto do conhecimento, que consistia em desmembrar em quantas partes fossem possíveis todas as coisas que existem no universo e estudar uma a uma, das mais simples às mais complexas e resolver cada parte, elegendo, dessa forma, a matemática

como linguagem universal da ciência que consiste única e exclusivamente em medir.

A finalidade de Descartes foi legitimar a ciência diante do forte ceticismo de sua época em que se acreditava que os métodos científicos eram falhos, incompletos e sujeitos ao erro. Dessa forma, seria impossível para o indivíduo conhecer o mundo real e fazer ciência de maneira verdadeira. Os esforços, desse período da História, buscaram proporcionar ao ser humano o seu lugar no mundo, capaz de raciocinar e decidir sem apelar para as muletas arranjadas pelo poder da Igreja.

Porém, essa pretensão moderna que anunciou a conquista da emancipação humana por meio do império da razão não cumpriu com a sua promessa ou não teve tempo hábil e condições materiais para atingir seus objetivos e culminou nos seus extremos. Ao contrário do que se pretendia, ela proporcionou uma crescente desapropriação das características-chaves da nossa humanidade. Ao se perder no desenvolvimento tecnológico, atingido por meio dos desvarios da razão, passou a efetivar um agir instrumental em que os meios justificam os fins, ocasionando a coisificação de indivíduos e o desgaste ou destruição das relações sociais e ambientais.

Para Biesta (2013, p. 24), o aspecto problemático do entendimento do humano é a compreensão humanista, ou seja, “as maneiras pelas quais a concepção moderna do ser humano impõe restrições ao que poderia significar ser humano”. Para o pensador, o desafio da Educação está em superar o humanismo. É “saber se é possível abordar a questão da humanidade do ser humano de um modo diferente, um modo que seja capaz de superar os aspectos e implicações problemáticas do humanismo” (Biesta, 2013, p. 24). O humanismo, para o autor, “representa a pressuposição de que é possível conhecer e articular a essência ou natureza do ser humano e usar este conhecimento como um fundamento para nossos esforços políticos e educacionais” (Biesta, 2013, p. 20). É a ideia de que é possível e desejável determinar a essência do ser humano. E, nesse sentido, o próprio humanismo “se tornou obstáculo para salvaguardar a humanidade do ser humano” (Biesta, 2013, p. 24).

Para Espinosa (2002), a valoração dos afetos, o exercício do pensamento e o trabalho sobre si mesmo são exercícios que levam a pessoa à liberdade. A consciência tem a potência de nos fazer abandonar as ilusões e ter uma vida melhor. O seu pensamento é um convite à reflexão sobre a própria vida.

De acordo com o filósofo, o corpo sofre afecções de outros corpos, ao mesmo tempo em que os afeta, sendo afetos passivos as paixões e afetos ativos as ações. Nas palavras de Espinosa (2002, p. 204), “as paixões não se referem à alma senão enquanto ela tem algo que envolva uma negação, isto é, à medida que é considerada como uma parte da natureza que não pode ser percebida clara e distintamente por si mesma sem outras partes”.

Ao contrário das paixões, as ações são aquelas pautadas em ideias adequadas. Sendo a vida constituída por relações ininterruptas com o mundo, ela é decorrente de interações entre os homens. Em outras palavras, transformamos o mundo e ele nos transforma. Assim, o percurso da liberdade e da ética é aquele pelo qual nos libertamos dos afetos passivos, e não um movimento de libertação da vida afetiva.

Assim, a alma e o corpo estão em uma relação de igualdade e simultaneidade, e a passagem da paixão para a ação não significa que a alma domina o corpo nem a eliminação dos afetos, mas, sim, a sua transformação. Essa passagem da paixão para a ação é a mesma da servidão para a liberdade, e ela é realizada graças aos afetos, pois somos seres afetivos. Servidão, para o filósofo, é a impotência humana para regular e refrear as suas paixões. Ele argumenta: “Com efeito, submetido às paixões, o homem não é autônomo, mas dependente da fortuna, de tal modo estando sob o seu poder que muitas vezes é forçado a fazer o pior, mesmo que veja o melhor” (Espinosa, 2002, p. 283).

O filósofo seiscentista trabalhava com ideia de *conatus*. Para ele, “Toda coisa, à medida que existe em si, esforça-se por perseverar no seu ser” (Espinosa, 2002, p. 205). *Conatus* é a “potência de preservação da vida” presente nos seres humanos. Os afetos seriam capazes de aumentar essa potência de agir e existir e, conforme o caso, diminuí-la. O seu aumento seriam os sentimentos positivos e o contrário seriam os negativos. Essa

potência de agir acontece passivamente quando não somos a causa de eventos produzidos sobre nós e opera ativamente quando somos a causa dos efeitos produzidos em nós ou fora de nós. Segundo Espinosa (2002, p. 199)

Nossa alma é ativa em certas coisas, passiva em outras, isto é, à medida que tem ideias adequadas, enquanto é necessariamente ativa em certas coisas; mas, à medida que tem ideias inadequadas, é necessariamente passiva em certas coisas. (p. 198).

Segue-se daí que a alma é sujeita a tanto maior número de afecções, quanto mais tem ela ideias inadequadas, e, ao contrário é ativa à medida que tem maior número de ideias adequadas.

Isso significa que quando as condições, pessoas ou coisas externas determinam as nossas condições internas, estamos na servidão e a nossa liberdade é parcial. Ao passo que quando as determinações são totalmente internas a liberdade é total. Não há constrangimentos externos, mas, sim, uma liberdade relativa que diz respeito à necessidade de um ser, da sua natureza, e tudo aquilo que segue necessariamente do exercício de uma racionalidade afetiva é o exercício da liberdade.

Contrariamente ao que se pensava, não precisamos nos livrar da vida afetiva, mas, sim, passar da paixão para a ação, isto é, abandonar as determinações externas e adotar as determinações internas. Paixão e ação caminham juntas, e corpo e mente são ativos e passivos juntos, por inteiro. A paixão só pode ser vencida por outra paixão mais forte. Assim, o fato de os seres ainda serem constrangidos (afetados) advém da sua servidão em contraposição à sua liberdade, mas pela volição pode-se, gradualmente, alcançar a liberdade plena. Os desejos seriam aquilo que nos determina a existir e agir de alguma maneira, e ser livre é escolher os desejos alegres.

Afastar as paixões tristes é ser livre. A passagem da tristeza para alegria é atividade de uma mente que tem possibilidades de interpretar o que acontece no interior do corpo. Dessa forma, o verdadeiro conhecimento também precisa ser um afeto, porque só ele pode reprimir outro afeto, isto é, só uma paixão pode combater outra paixão. Onde houver tristeza não existe ação e liberdade. A vida afetiva é livre só quando temos o desejo livre e

alegre, pois a alegria pode transformar as paixões em ações. Em outras palavras, usamos a inteligência para driblar tudo aquilo que pode apenar a nossa potência de agir, pois o afeto que apenar a nossa potência nos deixa tristes.

Para considerar o percurso da liberdade e da ética, é preciso abandonar os afetos, usando-se a racionalidade pura; dessa forma, o antigo racionalismo acenou para a esperança da felicidade. Isso, para Espinosa, é impossível e toda esperança é ilusão. Ela é um afeto de ganho de potência projetado para certo conteúdo da consciência. É o que imaginamos e não está de acordo com os fatos, e esse ganho de potência, esse sentir melhor, é ruim, porque nos tira da realidade. Essa esperança seria uma ignorância, e ela é sem gozo. Espinosa sugere a alegria ao invés da esperança.

Para o filósofo, ser livre e não ser constrangido por nada e por ninguém é agir de acordo com a nossa realidade interior e, conseqüentemente, aumentar a nossa potência de agir. Então a liberdade é o poder que a mente tem de interpretar os afetos. Ela está na relação que estabelecemos conosco, naquilo que somos, o que fazemos e o que podemos. É agir de acordo com as necessidades internas. É autodeterminação em consonância com a essência do que se é. Porém, conhecemos muito pouco de nós mesmos, do mundo e do que o mundo faz conosco.

Assim, esse autoconhecimento é necessário para o alcance da liberdade, pois somos mobilizados a conhecer conteúdos presentes no inconsciente. Espinosa passa a ideia da existência do inconsciente em alguns momentos, por exemplo, quando ele fala em potência de agir como uma espécie de energia que disponibilizamos para viver, e que esse esforço de perseverar no ser é realizado pelo corpo em consonância com a mente. Nas palavras do filósofo, “A alma, enquanto pode, esforça-se por imaginar o que acresce ou facilita a potência de agir do corpo” (Espinosa, 2002, p. 210), “Quando a alma imagina ou reduz a potência de agir do corpo, esforça-se, tanto quanto pode por lembrar-se de coisas que excluem a existência do que imagina” (Espinosa, 2002, p. 211).

Em outro momento, ele assevera que o mundo nos afeta, que temos consciência de parte singela do que acontece e que grande

parte daquilo que faz oscilar nossa potência de agir escapa da nossa consciência. Para ele,

Os homens enganam-se ao se julgarem livres, julgamento a que chegam apenas porque estão conscientes de suas ações, mas ignoram as causas pelas quais são determinados. É, pois, por ignorarem a causa de suas ações que os homens têm essa ideia de liberdade. Com efeito, ao dizerem que as ações humanas dependem da vontade estão apenas pronunciando palavras sobre as quais não têm a mínima ideia. Pois ignoram todos, o que seja a vontade e como ela move o corpo. Os que se vangloriam do contrário, e forjam sedes e moradas para a alma, costumam provocar o riso ou a náusea (Espinosa, 2002, p. 169).

Assim, não somos livres. Essa liberdade só será conquistada por meio do esforço para conhecer todas as coisas. Ele assevera também que, se tivermos a mente voltada para o passado e/ou o futuro, estamos despreparados para viver o presente, porque viver no passado ou no futuro divide o que se está vivendo, ou seja, há um enfraquecimento.

Em resumo, para Espinosa, o ser humano seria o esforço de preservação do próprio ser, e ele teria predicados específicos para essa luta. É constrangido por forças externas a ele e, sendo assim, não é livre, pois é um ser apaixonado, necessitando de forças externas que o constrangem. Portanto, não é livre e sim prisioneiro da servidão, pois a liberdade é igual à causa ativa, a efetuação da sua natureza. Para ser livre ele deveria estar sob a causa ativa de suas próprias ações.

Seria possível compreender, a partir do pensamento espinosiano, que a Educação advém também de um imaginário e comportamentos que ainda asseveram a separação do corpo e da alma? De uma percepção paradigmática de que a razão pura deve suprimir os afetos como se não fizessem parte da vida e da constituição humana? Segundo Gascón (2018, p. 1.901), essa imaturidade está na causa de muitos problemas hoje enfrentados pela Educação, conforme refere: “El contexto social real que la educación no tiene en cuenta es el de una sociedad del egocentrismo, de la inmadurez generalizada, esencialmente desorientada, y que se organiza en sistemas egocéntricos en su mayoría”. E, por isso, ele sugere:

Por tanto, los centros educativos y los sistemas verdaderamente educadores son de los pocos que, directamente, podrían contribuir a equilibrar la situación. Sería fundamental que se incluyeran, en su acervo formativo básico, “temas radicales” como el “ego” o “egocentrismo”, la “conciencia” o “estado consciente”, el “autoconocimiento” y la meditación, en cualquiera de sus variantes (Gascón, 2018, p. 1.901).

Assim, emoções e sentimentos são partícipes das decisões e, não sendo levadas em consideração, tornam-se causa da imaturidade generalizada de que fala Gascón e, sendo assim, não podem ser alijadas a uma segunda ordem nos esforços humanos, ou seja, a essência humana é constituída por eles e se movimenta no sentido de criar cultura e artefatos que auxiliem na minimização das dores em geral.

### **As emoções e os sentimentos na tomada de decisões**

Para compreender o papel das emoções e dos sentimentos na tomada de decisões, é preciso fazer uma digressão à década de 1990. Nela foi possível estudar o sistema nervoso central em funcionamento, graças aos avanços tecnológicos alcançados, e descobrir a origem e localização de vários processos humanos, o que viabilizou aprimorar as pesquisas sobre o cérebro humano e auxiliar nos estudos de várias áreas do conhecimento.

Acompanhando os avanços dessa década, Antonio Damásio passou a dedicar-se ao estudo das afecções humanas: emoções e sentimentos, por meio das lesões cerebrais de seus pacientes, cujos principais resultados estão descritos em seu livro *O erro de Descartes* (1996). Ele percebeu que tais lesões cerebrais incapacitavam seus pacientes de exprimir emoções e ter o sentimento correspondente. Elas os tornavam inaptos a sentir vergonha, compaixão, medo, tristeza, entre outros sentimentos, dependendo da região afetada. A partir dessa observação ele pode inferir que emoções e sentimentos ocorrem com uma aparente simultaneidade, sendo que as emoções antecedem os sentimentos, pois esses pacientes, mesmo sendo afetados pelas coisas do mundo, eram incapazes de sentir.

Nesse sentido, Damásio descobre que as dicotomias de Descartes caem em erro. Ou seja, o problema desse racionalista

moderno foi ter reafirmado, de outras formas, o racionalismo platônico que separou o mundo em essência e aparência. Dessa forma, o mundo tornou-se dividido em vários binômios aparentemente incompatíveis. Essa racionalidade supõe um mundo permanente, sem a consideração da sua complexidade e mutabilidade.

De acordo com Damásio (1996, 2017), o organismo que “sente os afetos”, mesmo que inconscientemente, o faz a partir do processo homeostático, constituído e regulado pelos afetos. O neurocientista indica que a regulação da homeostasia é similar a outros mecanismos de controle de pH, glicemia, entre outros processos regulatórios biológicos. Os sentimentos positivos expressam níveis homeostáticos apropriados ao organismo, ao passo que sentimentos negativos, uma homeostasia deficiente. O processo homeostático possui incontáveis combinações das diferentes formas que permitem discriminar as experiências, atribuir relevâncias a elas ou não, auxiliando na tomada de decisão. Essa compreensão tem o potencial de auxiliar na construção de tratamentos eficazes de algumas causas principais do sofrimento dos homens, alargar o seu florescimento e, em consequência, possibilitar a construção de outra cultura.

Também contribuiu, como mote das pesquisas de Damásio, a ideia proposta por Baruch Espinosa de que a mente e o corpo são atributos paralelos, manifestações da mesma substância, sendo a mente humana uma ideia do corpo. Essa noção tem implícita, segundo Damásio, a antevisão do filósofo de princípios escondidos por traz de mecanismos naturais responsáveis pelas manifestações paralelas do corpo e do espírito. Para Espinosa (2002), *conatus* é a “potência de preservação da vida” que age em cada ser humano. É o esforço interno aos seres vivos para permanecer na existência. Espinosa (2002, p. 53) argumenta: “Cada coisa esforça-se, tanto quanto está em si, por perseverar em seu ser”. O esforço pelo qual cada uma delas persevera em seu ser é a essência atual desse ser.

Do encontro de corpos ocorrem as afecções, isto é, tal como se é afetado por outros corpos externos, também se tem o potencial para afetá-los, gerando as imagens na mente. Assim, as paixões decorridas desses afetos têm a capacidade de diminuir a

potência de agir e, ao contrário, as ações aumentam essa potência de agir e existir. As afecções humanas, como a ética, a liberdade e o conhecimento, são ações e tudo aquilo que cause medo, tristeza e ilusões é traduzido em paixões da alma. Para ele, a mente humana é uma ideia do corpo e os afetos, as pulsões, as motivações, as emoções e os sentimentos, aspectos centrais da humanidade.

Assim, a sua teoria coaduna-se com as descobertas neurocientíficas dos dois últimos séculos e contraria a indicação da filosofia cartesiana de que há uma mente de posse de uma razão pura que comanda um corpo. O corpo é o alicerce da mente consciente, como afirma Damásio (2017, p. 36): “as estruturas cerebrais são ligadas ao corpo em um sentido literal e de maneira inextricável. Especificamente, estão ligadas às partes do corpo que bombardeiam o cérebro com seus sinais, em todos os momentos, e são por sua vez bombardeadas pelo cérebro, criando assim uma alça ressonante”.

Os sentimentos primordiais seriam essa experiência do corpo e sua existência é anterior à mente consciente. Eles estariam nas estruturas mapeadoras do corpo, pois os sinais desse último são enviados à mente e se transformam em imagens mentais que, por sua vez, são acompanhadas pela qualificação dos sentimentos, pois elas pertencem a alguém e não são meras produções de mapas aleatórios.

Os processos subjetivos recorrentes nos espaços intersubjetivos são permeados pelo “estado mental consciente” (Damásio, 2017) dos indivíduos que os constituem. Os sentimentos são os qualificadores de tal estado e auxiliares nos comportamentos compatíveis e favoráveis com a regulação da vida, indicada por Damásio como *homeostasia*. Eles são dinamizadores das respostas culturais humanas e auxiliares na criação de mentes que pensam, criam narrativas e significados, recordam o passado e imaginam o futuro e, portanto, são motivadores das invenções como a arte, a filosofia, as crenças religiosas, as regras morais, a justiça, os sistemas governativos e econômicos, a ciência e a tecnologia. Essas motivações têm como substrato os níveis homeostáticos tanto negativos quanto positivos (Damásio, 2017).

## Para o neurocientista,

Os sentimentos podem ser, e geralmente são, revelações do estado da vida dentro do organismo. São o levantar o véu no sentido literal do termo. Considerando a vida como uma acrobacia na corda bamba, a maior parte dos sentimentos são expressões de uma luta contínua para atingir o equilíbrio, reflexos de todos os minúsculos ajustamentos e correções sem os quais o espetáculo colapsa por inteiro. Na existência do dia-a-dia os sentimentos revelam, simultaneamente, a nossa grandeza e a nossa pequenez (Damásio, 2017, p. 11).

Dessa forma, na visão do pesquisador, os sentimentos não são meras perfumarias, as quais se podem ignorar; pelo contrário, eles são manifestações do florescimento ou do sofrimento humano e, como tais, colaboram para a formação da mente consciente e da mente cultural. Portanto, há resultados práticos a partir dessa constatação, pois considerar esse papel dos sentimentos nas ações humanas colabora para a construção de princípios, métodos e leis capazes de reduzir a dor e o sofrimento bem como auxilia na abordagem de conflitos existentes no agir humano.

Assim, os sentimentos são a base das interações entre o sistema nervoso e o seu organismo e reveladores do estado da vida dentro deste. Enquanto as emoções estão alinhadas com o corpo, compondo o “teatro do corpo”, os sentimentos estão perfilados com a mente. Isso significa que é possível verificar o desencadeamento das emoções a partir dos pensamentos e das modificações que elas causam no corpo e a sua transformação em fenômenos mentais que são os sentimentos. Em resumo, as afecções do corpo auxiliam a formar a mente. O que indica que “os processos mentais se alicerçam nos mapeamentos do corpo que o cérebro constrói e as coleções de padrões neurais que retratam as respostas aos estímulos que causam emoções e sentimentos” (Damásio, 2004, p. 20).

Na fisiologia dos sentimentos, as emoções os antecedem, pois são reações mais simples que não exigem um aparato cerebral sofisticado. Elas são o que acontece com todos os organismos vivos possuidores de dispositivos capazes de solucionar os problemas básicos da vida, como encontrar fontes de energia,

manter o equilíbrio químico compatível com a vida e defender-se de ataques e doenças, entre outros. Esses dispositivos não necessitam de um raciocínio prévio e, portanto, são chamados de homeostasia simples, cuja função é produzir um estado de vida melhor. As emoções são ações ou movimentos, muitos deles públicos, que ocorrem no rosto, na voz ou em comportamentos específicos como o tremor das mãos, a fisionomia alterada, a boca seca, o rubor no rosto, entre outros. Por isso Damásio (1996, 2004), indica que elas são o teatro do corpo e visíveis ao público. Já os sentimentos ocorrem em privado, são imagens mentais das emoções.

A compreensão da neurobiologia desses fenômenos, e sua admissão como formadores da consciência, é um auxiliar no entendimento e na redução do sofrimento humano, pois se acionam os mecanismos capazes de auxiliar nas relações intra e intersubjetivas e na construção de aparatos culturais condizentes com a nossa humanidade. Esses mecanismos dizem respeito ao *bem viver* proposto por Espinosa, que seria triunfar sobre um afeto negativo por meio do raciocínio e do esforço intelectual. Esse triunfo seria perfeitamente possível para o filósofo, não pelas vias da neutralização dessas emoções, mas pela luta e pela substituição por um afeto positivo. A luta contra emoções negativas se dá por meio do empreendimento de emoções positivas e mais fortes e indica que a mudança não acontece a partir do exterior, mas por meio do *esforço intelectual*, o qual Espinosa chamou de *vontade*. O entendimento de que emoções devem ser suprimidas e/ou sufocadas com o uso da razão declina com a asseveração de que elas fazem parte da constituição da mente e, portanto, da tomada de decisões.

Apesar de algumas emoções baixarem o nível homeostático, todas são necessárias à regulação da vida, mesmo as mais negativas como o medo, a tristeza, a raiva, a vergonha, etc., pois atuam de forma a motivar a nossa ação no mundo como a de defesa diante de um perigo, por exemplo. Dessa forma, as emoções são uma ferramenta natural da vida, capaz de avaliar, mesmo que de forma não consciente, o que ocorre externa e internamente ao organismo, proporcionando as reações necessárias à manutenção da vida.

A partir das imagens externas e internas ao organismo, as emoções provocam um fluxo de conteúdos mentais que formam mapas cerebrais que eventualmente conduzem aos sentimentos. Então é a partir das emoções que ocorrem os sentimentos orientadores de esforços conscientes e deliberados da autoconservação. Elas são auxiliares das escolhas indicadoras da forma como se deve realizar a autopreservação e representam o controle voluntário, uma forma de alerta mental para reagir às boas e às más circunstâncias da vida. Associadas à memória, imaginação e raciocínio, atuam na antevisão e na previsão de problemas e na criação de soluções para eles. De acordo com Damásio (2002, p. 68), “os sentimentos envolvem a percepção de certo estado do corpo e a percepção de certo estado de espírito. Temos imagens não só de certo estado do corpo, mas também, em paralelo, imagens de certa forma de pensar”.

A mente humana é formada pelo mundo externo a ela, seja presente ou recuperado pela memória. São imagens que chegam a todo momento por meio das vertentes sensoriais (tato, olfato, visão, audição e gosto) e são traduzidas em linguagem. Há um mundo mental paralelo que acompanha essas imagens e, por seu significado, é capaz de alterá-las de forma irresistível. Esse mundo mental é o *mundo dos afetos*, no qual os sentimentos acompanham as imagens que chegam do exterior e do interior do organismo. Para Damásio (2017, p. 146), “afeto é uma vasta tenda sob a qual coloco não só todos os sentimentos possíveis, mas também as situações e os mecanismos que são responsáveis pela sua produção, ou seja, responsáveis pela produção de ações cujas experiências se tornam sentimentos”.

Isso significa que os sentimentos acompanham, mentalmente, todo o processo da vida. São eles os qualificadores das imagens mentais, quer estejamos a pensar, apreender, recordar, imaginar, raciocinar, criar, julgar, decidir, planejar, criar, etc. Sem eles não haveria como classificar a experiência humana, pois as imagens que chegariam até a mente não teriam qualificadores, assim a ética e a estética seriam impossíveis, o que comprometeria a natureza humana. Eles são o componente básico da subjetividade e com ela integram a consciência. Portanto, sem as suas presença, atenção, aprendizagem, memória e imaginação podem ser comprometidas

tanto quanto a execução de tarefas e ações podem ser perturbadas de acordo com a gama positiva ou negativa da homeostasia e seus sinais químicos envolvidos e os estados viscerais<sup>3</sup> que os acompanham.

Em resumo, os componentes da mente consciente integram as mensagens externas que chegam até o sistema nervoso por meio das diversas classes sensoriais e as imagens que se fazem do próprio organismo que recebem uma valência<sup>4</sup> pelos sentimentos. O esforço de criação de imagens na mente é pertencente a alguém que habita um corpo e toma posse dele. Não sendo assim, então é uma circunstância patológica, pois essas imagens criadas na mente não teriam dono legítimo e a consciência deixaria de funcionar de modo normal.

### **Aspectos conclusivos**

Este texto versou sobre as relações entre corpo e mente, emoções, sentimentos e razão na perspectiva de Baruch Espinosa e Antonio Damásio. Entendemos que essa tradição que perpassa toda a filosofia ocidental que iniciou na distinção platônica entre corpo e alma hoje precisa ser colocada em xeque em função das novas visões trazidas pela neurociência de Antonio Damásio. Por isso propomos novos saberes no campo da formação docente levando em consideração que é necessário romper com essas dicotomias, uma vez que as próprias emoções se fazem presentes nas nossas decisões racionais. A Educação, ao não considerar esses aspectos, pode recair em excessos.

O acolhimento de que o processo de conhecimento se dá por essas vias implica aceitar que ele proporciona sentido e significado tanto para o professor quanto para o aluno e, portanto, ambos admitem-se portadores de mecanismos de criação de imagens, afeto e consciência. No aspecto prático, esse entendimento repercutirá na compreensão do seu papel como

---

<sup>3</sup> Damásio chama de estados viscerais as reações que ocorrem no corpo, ou seja, as emoções provocam sinais eletroquímicos enviados ao sistema nervoso central com consequente fluir sanguíneo, rigidez ou flexibilidade músculo-esquelética que são gerados por imagens externas e internas do organismo. Com essa constatação, ele critica o simplismo com que é tratada a questão da formação de imagens na mente. Para ele, as relações entre o sistema nervoso e o corpo são complexas e estão estreitamente interligadas.

<sup>4</sup> Qualificação das imagens mentais, como bom/mau, agradável/desagradável, etc.

agentes formadores do processo cultural, desde que criem todo tipo de artefatos culturais em nossa sociedade, e, também, como sujeitos capazes de gerenciar tanto as suas relações no grupo a que pertencem como a relação intrasubjetiva. Sabendo-se portadores de afetos e admitindo que estes interferem na sua vida individual e coletiva, talvez seja possível avançar em uma estrutura emocional que dê conta do sofrimento que, na maioria das vezes, se converte em patologias difíceis de serem tratadas.

Dessa forma, as inter-relações existentes entre conhecimento, subjetividade e liberdade permitem compreender que o processo de conhecimento envolve emoções e sentimentos, possibilitando ao indivíduo dar sentido e significado às coisas do mundo e aos afetos. Para compreender as relações entre conhecimento, subjetividade e liberdade, buscam-se os sentidos e significados atribuídos às paixões pelo entendimento de uma época que precisava romper com o jugo da forte religiosidade imposta à movimentação humana e que por isso chegou ao outro extremo, promovendo a razão pura como única expressão do humano digna de credibilidade.

Assim, a tradição entendeu as paixões como impulsos e apetites corporais considerados desordenados e desmedidos que deveriam ser suprimidos em nome do êxito de uma racionalidade capaz de atingir a ordem e o desenvolvimento humanos. Era preciso disciplinar corpos e mentes para não se perder em desvios de ações motivadas pelas emoções. Como oposição à paixão, haveria o livre-arbítrio, uma vontade livre guiada pela razão, um poder da alma sobre o corpo que libertaria os indivíduos. Essa compreensão de que a razão deve ser pura e livre dos afetos motivou a “grande empresa cultural humana” (Damásio, 2017), ou seja, a ciência, a filosofia, a política, a justiça, a economia, a arte e a educação, entre outros, vêm sendo, desde então, influenciadas pelo dualismo cartesiano ao delegar o domínio do sujeito racional sobre o objeto e a possibilidade de aquele representar este por meio da observação, da previsão e do controle. Para cumprir esse empreendimento, a razão que conhece fragmenta o objeto do conhecimento em suas partes, assume a postura da neutralidade, da autoridade capaz de conhecer por meio dos seus pressupostos autoritários, favorecendo um agir instrumentalizador e, dessa

forma, “coisificando” os indivíduos. Entre outras questões, há um reducionismo cientificista no entendimento antropológico moderno, prejudicando a visão sobre quem somos e sobre o outro, pois, ao entender que o ser humano é uma mente no comando de um corpo e que este último é inteiramente subjugado às determinações daquela, perde-se a compreensão dos afetos.

As consequências dos equívocos desse paradigma há algum tempo apontam para a necessidade da emergência de uma racionalidade que valorize o discurso e a linguagem e, dessa forma, encontre um viés possível para a Educação. De acordo com Trevisan (2006, p. 8), “O debate travado a respeito das filosofias da diferença, dos estudos culturais e do multiculturalismo ganha ênfase nesse quadro, ao se opor à unidade metafísica da razão, que enfatiza o lado homogêneo dos conhecimentos com o sacrifício das suas especificidades ou diferenças”.

Assim, segundo Trevisan (2006), a pressão para um novo modo de pensar surgiu de vários lados, ora de filósofos como Nietzsche, Max Weber, Herbert Marcuse e Michel Foucault, ora da Educação coagida a criar mecanismos que atendessem as reivindicações da multiplicidade, tratamento da diversidade, entre outras.

Dessa forma, a proposta desta reflexão foi colaborar com a discussão em contextos formativos, em que ainda residem dificuldades de se romper com esse modo de ver a vida e as suas relações. Consequentemente, considerar aspectos humanos na relação pedagógica para além dos cognitivos e metodológicos exige abertura para uma transição paradigmática e envolve a consideração de estudos sobre a função dos sentimentos nos estados mentais conscientes e nas relações que se estabelecem no agir pedagógico, bem como o quanto eles são determinantes da cultura.

Talvez a dificuldade de se vislumbrar um novo modo de pensar outra lógica para o mundo e as suas relações e o conflito cotidiano que coage para essa busca seja o Calcanhar de Aquiles da Educação. Por não entrever outro modo de operar, esse agir instrumentalizador processa pessoas para fazer o mesmo e o óbvio, sem a investidura em um aparato teórico que possa dar

suporte às organizações formativas e à avaliação dos pressupostos filosóficos da construção de uma cultura que valorize os afetos e a consciência na tomada de decisões.

Os elementos colocados por este estudo prezam por defender a dignidade, a reverência pela vida e a liberdade de pensamento como valores inalienáveis ao ser humano, os quais devem ser defendidos e valorizados pela Educação. Como não há uma linha evolutiva de pensamento única nem um tratamento simples para a complexidade humana, esta proposta buscou alargar os horizontes do pensamento sobre a Educação, provocando os seus partícipes a rediscutir as emoções e os sentimentos ao reavaliar a pauta das suas intervenções no mundo. Torna-se, assim, mais uma forma a ser pensada/sentida na interação docência-discência e quiçá sirva para descortinar outros meandros e interpretações pertinentes às dificuldades educacionais.

## Referências

- BIESTA, Gert. *Para além da aprendizagem: Educação democrática para um futuro humano*. Tradução de Rosaura Eichenberg. Belo Horizonte: Autêntica, 2013.
- DAMÁSIO, Antônio. *A estranha ordem das coisas*. Portugal: Temas e Debates, 2017.
- DAMÁSIO, Antônio. *Em busca de Espinosa: prazer e dor na ciência dos sentimentos*. Adaptação para o português do Brasil por Laura Teixeira Motta. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- DAMÁSIO, Antônio. *O erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- DAMÁSIO, A. *O Erro de Descartes: emoção, razão e o cérebro humano*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- ESPINOSA, Baruch. *Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem estar*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2012.
- ESPINOSA, Baruch. *Ética demonstrada a maneira dos geômetras*. Trad. Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, 2002.
- GASCÓN, Agustín de la Herrán. *Alguns fundamentos sobre a formação continuada de professores a partir da abordagem*

radical e inclusiva. *RIAAE – Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação*, Araraquara, v. esp, n. 3, p. 1.896-1.934, dez. 2018.

TREVISAN, Amarildo Luiz. Paradigmas da filosofia e teorias educacionais: novas perspectivas a partir do conceito de cultura. *Educação e Realidade*, v. 31, n. 1, p. 23-36, jan./jun. 2006.